



EM AÇÃO **Feminismo para mudar o mundo: encontro de ativistas**

I Encontro Nacional da Marcha Mundial das Mulheres, de 25 a 28 de maio, em Belo Horizonte



Anderson Barbosa

desigualdade salarial (salário mínimo), soberania alimentar e reforma agrária, livre comércio, militarização e dívida, mulheres na luta anti-racista, sexualidade, mercantilização do corpo e da vida das mulheres, feminismo, biopolítica e biodiversidade, educação não sexista, direito ao aborto e comunicação. Oficinas de batucada também estão previstas.

Preparação nos Estados

No Mato Grosso do Sul, por exemplo, há uma grande programação durante o mês de abril e maio. Acontecerão encontros municipais abordando temas do Encontro Nacional e que também incluem a luta das mulheres indígenas, e que serão espaços para discutir e escolher as representantes.

As gaúchas estão fazendo discussões em nove cidades e realizam, no dia 29 de abril, seminário estadual para debater os temas e escolher delegadas.

Em outras regiões, como São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Alagoas a mobilização também está forte, com plenárias, reuniões preparatórias e atividades de finanças.

Finanças militante

Realizar um evento deste porte custa muito dinheiro. Nos Estados já estão acontecendo atividades com fins de arrecadar recursos. São várias as propostas: bazares e brechós, rifas, jantares, festas, coleta de doações com sindicatos, parlamentares e outros movimentos. Todo esforço é válido e algumas atividades estão conseguindo angariar bons recursos.

Ocupação de espaços públicos e mobilização: principais ferramentas da Marcha

A Marcha Mundial das Mulheres é um movimento feminista que quer uma transformação radical da sociedade e atua para que cada vez mais as mulheres ocupem os espaços públicos e tem na mobilização sua principal ferramenta. Essa visão tem se concretizado na luta contra a pobreza e a violência. Se constrói de uma forma que aglutina as mulheres de todas as idades, reforça uma identidade coletiva e o pertencimento a um espaço comum, onde a unidade é a base para as ações que estão mudando a vida de todas.

A atuação da Marcha influenciou vários movimentos mistos, trazendo mudanças e também contribuiu para unificar camponesas e urbanas.

Além disso, tem responsabilidade em espaços de articulação dos movimentos sociais brasileiros. Seu crescimento aumenta seus desafios. E um deles é como organizar suas militantes mantendo uma dinâmica permanente de mobiliza-

ção, dividindo tarefas e responsabilidades. Um outro é a necessidade de espaços de formação mais constantes que priorizem a reflexão feminista. Para responder a estes desafios a Marcha Mundial das Mulheres realizará seu I Encontro Nacional, de 25 a 28 de maio de 2006, em Belo Horizonte (MG).

O encontro contará com a participação de pelo menos 500 mulheres, com cotas por estado e movimento e os comitês estaduais já estão discutindo os temas e escolhendo suas delegadas.

Temas e programação

Os temas são o histórico da Marcha Mundial das Mulheres e os desafios atuais do movimento feminista; feminismo e anti-capitalismo; histórico do movimento de mulheres na América Latina e no Brasil.

Acontecerão mesas simultâneas para discutir violência contra as mulheres, tráfico sexual e prostituição, precariedade no trabalho e

Mulheres dizem não ao Terminator

Durante a 8ª Conferência das Partes sobre Biodiversidade (COP8), em Curitiba (PR), em março, a Via Campesina realizou algumas atividades de mobilização e contou com a participação de ativistas da Marcha Mundial das Mulheres. Durante dias decisivos foi feito corredor de recepção aos participantes para protestar contra a tecnologia Terminator, que produz sementes estéreis. Outra ação, desta vez realizada dentro da Conferência, foi organizada pelas mulheres da Via e serviu para mostrar que esta tecnologia é prejudicial à agricultura. Em atividade de intercâmbio, as mulheres apresentaram as sementes crioulas como alternativas à chamada "tecnologia da morte". A grande vitória veio momentos depois, com a rejeição pela COP8 da utilização da tecnologia Terminator.

Fórum Social Brasileiro

Cerca de 330 atividades foram inscritas no II Fórum Social Brasileiro (20 a 23 de abril de 2006), em Recife (PE). A Marcha Mundial das Mulheres inscreveu a oficina "A caminho do I Encontro Nacional da Marcha Mundial das Mulheres". Esteve presente com um bloco na passeata de abertura do FSB, dando visibilidade à bandeira de tirar a OMC dos trilhos no momento em que acontecem as negociações em Genebra. Também foi organizada, em conjunto com as mulheres do MST, um ato de solidariedade às mulheres da Via Campesina, além das atividades propostas pela Coordenação de Movimentos Sociais e Assembléia Popular Mutirão por um novo Brasil. A Rede Economia e Feminismo e o GT de Gênero da Articulação Nacional de Agroecologia organizaram a oficina "Feminismo e Agroecologia".

EM MOVIMENTO Solidariedade à Via Campesina: outra agricultura é possível

Denúncia e repúdio ao agronegócio

As mulheres da Via Campesina, da qual fazem parte movimentos como MMC, MAB, MST, MPA, CPT, PJMP (Pastoral da Juventude do Meio Popular), organizaram no dia 8 de março uma ação na empresa Aracruz (RS), contra o deserto verde e o agronegócio. A mídia e o aparato estatal voltaram suas munições contra as mulheres da Via e as organizações de trabalhadoras do campo.

Esta ação conseguiu fazer chegar à sociedade o debate sobre o deserto verde e a monocultura de eucalipto para produção de celulose. O termo deserto verde está relacionado à imensas propriedades especializadas num só produto, com alta tecnologia, mecanização - às vezes irrigação - e pouca mão-de-obra, baixos salários, uso intensivo de agrotóxicos e de sementes transgênicas. Voltado para exportação, principalmente para indústria de papel e celulose, esta monocultura vem se expandindo por diversas regiões do Brasil.

Danos ambientais

O eucalipto é a principal espécie dessa estratégia e danifica o solo de forma irreparável: uma vez plantado, não é possível retomar a fertilidade da terra. Além disso, as raízes do eucalipto penetram nos lençóis freáticos, prejudicando o abastecimento de água das regiões. Cada pé de eucalipto é capaz de consumir 30 litros de água por dia.

A Marcha Mundial das Mulheres lançou um manifesto de apoio às mulheres e está em campanha contra a ação nefasta do agronegócio e continua coletando apoios. Para apoiar, entre em www.marchamundialdasmulheres.org onde



Arte de Chico Cavalcanti em solidariedade à luta contra o deserto verde

há formulário de apoio e coletânea de textos que explicam não só a ação das mulheres, como também o impacto do deserto verde e da produção de celulose para o meio ambiente.

Ações locais

Os Estados devem discutir com as companheiras do MST formas de levar esta discussão para as ruas, assim como continua a necessidade de coletar assinaturas ao abaixo-assinado de solidariedade à Via Campesina, uma vez que a reação do governo do Rio Grande do Sul, Judiciário e meios de comunicação foi criminalizar a ação e defender os interesses da Aracruz, fazendo com que 37 pessoas tenham sido indiciadas.

Secretaria Executiva da Marcha Mundial das Mulheres

no Brasil: Comissão de Mulheres da CUT, da Contag, Setorial de Mulheres da CMP, Camtra, CM8-Mossoró, SOF, Setorial de Mulheres da União Nacional por Moradia Popular. Rua Ministro Costa e Silva, 36, Pinheiros, São Paulo/SP CEP 05417-080 - Fone/fax: (11) 3819-3876 marchamulheres@sof.org.br www.marchamundialdasmulheres.org

Edição: Fernanda Estima (Mtb 25.075)

Projeto e editoração: Caco Bisol Produção Gráfica

Tiragem: 3.000 exemplares

Apoio: Cooperação ao Desenvolvimento - Governo Basco

Em curso a organização dos grupos que fazem parte da Marcha

✂

Nome do grupo: _____

Mulher de contato: _____

Endereço completo: _____

E-mail: _____

Temas prioritários de trabalho:

() Pobreza
 () Violência sexista

*Enviar para Rua Ministro Costa e Silva, 36, Pinheiros,
 São Paulo/SP - CEP 05417-080*

VOCÊ SABIA?

Comprar sexo não é um esporte

De 9 de junho a 9 de julho de 2006, 12 cidades alemãs acolhem o Mundial de Futebol. São esperados cerca de 3 milhões de espectadores, na sua maioria homens e estima-se em 40 mil o número de mulheres "importadas" da Europa Central e da Europa de Leste para "servir sexualmente" aos milhões de torcedores do sexo masculino.

A Alemanha legalizou a cafetinagem e a indústria do sexo em 2002, contudo as zonas reservadas àquelas práticas não têm capacidade para os milhares de turistas esportivos/sexuais esperados. Prevendo este afluxo, a indústria do sexo alemã ergueu um gigantesco complexo para a prática da prostituição prevendo o *boom* comercial durante a Copa do Mundo. Para assinar o manifesto contra a prostituição acesse <http://catwepetition.ouvaton.org/php/appel.php>

O Secretariado Internacional está realizando em âmbito internacional uma revisão das listas de grupos participantes da Marcha Mundial das Mulheres. Em 2000, a adesão dos grupos à Marcha era feita pelo envio de um formulário à secretaria internacional ou à coordenação nacional. Muitos daqueles grupos não estão mais participando, enquanto que outros que não estão na lista são super ativos. Por isso os grupos serão recadastrados. Os grupos participantes ativos seguem os seguintes critérios:

- ser um grupo de mulheres, um comitê de mulheres no interior de um grupo misto ou uma organização mista que não tem um comitê de mulheres, mas que são as mulheres que assumem a liderança da Marcha;

- aderir aos objetivos, aos valores e à plataforma mundial da Marcha Mundial das Mulheres;

- estar pronto a participar das ações das coordenações nacionais, a integrar as ações da Marcha em seu programa de atividades ou difundir a Marcha Mundial das Mulheres.

MOBILIZAÇÕES EM MARCHA EM 2006

O 8 de março – Dia Internacional da Mulher – faz parte do calendário dos movimentos sociais no Brasil, reconhecido como um dia de luta convocado pelo movimento de mulheres, em que todas vão para as ruas se manifestar, tendo cada vez mais adesão dos diversos movimentos. Neste dia de luta, em 2006, teve atividades e mobilizações nos estados, com a presença da Marcha Mundial das Mulheres na maioria deles.

A Marcha reafirmou as bandeiras de luta contra a mercantilização, a violência e a exploração das mulheres. Fazendo um chamado a combater de forma permanente a violência machista, racista e homofóbica em todas suas

manifestações, assumindo a luta feminista pela igualdade como objetivo comum na construção de nossas resistências e alternativas à política de mercantilização e guerra.

Depois veio o calendário de luta contra a guerra e ocupação no Iraque, com ações de rua e o envolvimento da Marcha na campanha "Mulheres Dizem não à Guerra", lançada por companheiras dos Estados Unidos.

Neste próximo período acontecerão ações contra a Organização Mundial do Comércio (OMC). Passado o Fórum Social Mundial realizado em Caracas, a Marcha Mundial das Mulheres esteve envolvida em todas as ações da agenda da Coordenação de Movimentos Sociais.

EM DEBATE **Organização Mundial do Comércio: dez anos bastam**

Tirar a OMC dos trilhos é foco da luta feminista

Desde 2004 a Marcha Mundial das Mulheres participa no Brasil e no mundo das ações contra a Organização Mundial do Comércio (OMC). Assim como dizer não à Alca, tirar a OMC dos trilhos deve ser um foco fundamental da luta feminista contra as velhas e novas formas que a opressão das mulheres assume na globalização.

Agora, do final de abril e começo de maio até julho, as negociações da OMC passam por momentos decisivos em que as transnacionais e os governos dos EUA e da União Européia fazem mais pressão do que nunca para que mais países aceitem novas e maiores regras de liberalização. O Brasil é um dos alvos preferenciais dessa ofensiva.

A soberania alimentar, as políticas industriais, os serviços e o acesso a bens essenciais como sementes e medicamentos, estão sendo objeto de negociação como simples merca-



Presença de mulheres agricultoras na ações contra a OMC em Hong Kong

dorias. Internamente, as elites, sobretudo as ligadas ao agronegócio, têm aumentado também a pressão política e ideológica apelando para a criminalização dos movimentos.

Em 10 anos de existência a OMC se mostrou um instrumento imperialista de dominação econômica e

política. Na Assembléia dos Movimentos Sociais da qual participamos em Caracas, parar a OMC foi definido como um de nossos maiores desafios no primeiro semestre de 2006. A Marcha faz parte dessa luta: vamos nos informar e nos mobilizar para acabar com a OMC!

AUMENTO DO MÍNIMO BENEFICIA 24 MILHÕES DE PESSOAS

Anderson Barbosa



O salário mínimo de R\$ 350,00 passou a valer em 1º de abril de 2006. Este reajuste significou um aumento real de 12,23%. O aumento foi resultado das negociações entre o governo federal e as centrais sindicais. As centrais introduziram dois fatores na negociação: a correção da tabela do Imposto de Renda da pessoa física e a antecipação do reajuste, consideradas por eles formas complementares de aumentar o rendimento dos trabalhadores.

Segundo o governo, 24 milhões de trabalhadoras e trabalhadores e beneficiários da Previdência serão favorecidos com o aumento do mínimo. Serão R\$ 11 bilhões na massa de rendimentos em 2006 e mais de R\$ 2,6 bilhões na arrecadação neste ano. Segundo o Ministro da Previdência, Paulo Bernardo, a diferença entre a proposta inicial do governo (R\$ 321,00) e o valor finalmente negociado (R\$ 350,00) implica em um gasto suplementar no orçamento de R\$ 5,6 bilhões.

Este impacto será menor do que a diferença da meta do superávit primário (recurso que o governo deixa de utilizar em gastos de custeio e investimento para pagar a dívida externa e interna) com o superávit primário realizado em 2005. A meta que o governo se propôs foi de R\$

46,34 bilhões. Os recursos que deixou de utilizar em outros gastos para pagar a dívida foi, na realidade, R\$ 52,488 bilhões. Foram R\$ 6,148 bilhões, 2,72% do PIB, que o governo deixou de utilizar em gastos de custeio e investimento acima da meta que ele mesmo havia proposto e que já era insuportavelmente alta.

O governo federal aceitou a proposta das centrais de que a Comissão Quadripartite apresentasse no mês de abril ao Congresso uma lei de valorização do salário mínimo. A Comissão Quadripartite foi criada em 2005 pelo governo e é composta por representantes do Executivo, dos sindicatos, das organizações dos aposentados e dos patrões. A proposta inicial era de que a comissão funcionasse como um espaço de negociação. Porém funcionou ao longo de 2005 como um grupo de debates. A comissão não foi convocada em 2006 e não há respostas do governo sobre um projeto de lei de valorização do salário mínimo.